

Pensando nas corporeidades: movimentos de hegemonias e de resistências

Martha Cupolillo

Compreendo com Certeau (1996) que nas redes de poderes e de ordens institucionais se tecem tramas que propõem padrões hegemônicos de processos de constituições e significações de uma corporeidade hegemônica. Ao longo da história, esses padrões desconsideram as diversidades, dando visibilidade a alguns corpos e buscando invisibilizar outros. No entanto, é também esse autor que me mostra que os “praticantes”, como sujeitos de relações múltiplas, criam e inventam outras maneiras de subverter e desviar dogmas acerca da corporeidade revelando com movimentos de resistências possibilidades de táticas não conformistas diante do que lhes é imposto, compondo tramas com “redes de antidisciplinas”.

Essa constatação enreda minhas reflexões a problemas e desconfortos muito mais complexos do que o conforto aparente com o qual a sociedade tenta lidar reduzindo os corpos a uma concepção puramente biológica respaldada na herança cartesiana da dicotomia corpo e mente e dentro da lógica domesticadora e controladora dos mesmos. Fato esse que tem me instigado a pensar que mais interessante do que provocar uma desestabilização dessa compreensão dicotômica de corpo é assumir a incerteza e a incapacidade de dizermos o que é corpo? O que corporeidade? São nesses caminhos de dúvidas que me coloco e que me desafiam a pensar: mais importante do que buscarmos definições de corpos, seria nos fazermos a mesma indagação que fez Deleuze (2002) em seus diálogos com Espinosa quando disse: “ – mas nós nem sequer sabemos de que é capaz um corpo?”.

Acredito que tanto pode o corpo ser sujeição, controlado sob formas de aprisionamentos, disciplinamentos, modelizações, ou seja, *espaçotempo* de reproduções; quanto pode o corpo ser resistência, de

potencialidades, isto é, *espaçotempo* de produção. Cabe ressaltar que toda essa dinâmica se dá a partir dos encontros e desencontros com outros corpos. O que são corpos, e o que eles podem ou não, está intimamente ligado às redes de relações que se criam e se (re)criam em seus múltiplos contextos de vida. O corpo sozinho é corpo "morto" o corpo "vivo" é "*corposujeito*", é tecido em relações.



Sigo esse caminho com Najmanovich (2001) e, ao pensar em investir com novos sentidos na busca de um estado constante de questionamento em relação a essas dicotomias, *abro as portas ao pensamento complexo para produzir uma abordagem que permita pensar uma mente corporalizada e um corpo cognitivo emocional* (p.10), ou seja, pensar num *corposujeito*. Dessa forma, eu diria que o *corposujeito* é um território de tensões, de mutações, de movimentos, de espaços de consensos e de conflitos, de fronteiras fluídas, de estabelecimento de relações de dor e prazer, alegrias e tristezas, conquistas e frustrações. Enfim, ou melhor, dizendo sem fim, o *corposujeito* possui corporeidade; materialidade corpórea imbricada por histórias que são singulares e plurais inscritas por experiências e vivências individuais e coletivas com as quais nos constituímos sujeitos do mundo, sempre a partir das múltiplas redes de relações nas quais circulamos em nossas vidas cotidianas.

Portanto, entendo que somos todos nós seres humanos, pertencentes a uma mesma espécie, o que nos faz *corposujeitos* com semelhanças e diversidades biológicas e que somos também esses

corposujeitos que para além de biológicos faz com que cada um de nós sejamos únicos, diferentes.

Então, ao ver essa fotografia de corpos marcados pela falta de diferenças sei que diferenças e diversidades estão nessa foto, naquilo que nosso "olhar do alto" talvez não nos permita ver, mais em tudo que a nossa compreensão de *corposujeitos* nos mobiliza a *mergulhar com todos os sentidos* e saber que cada um desses homens, igualmente de cabelos raspados e marcados por um número, não são uma série de objetos que, codificados, foram arrumados em filas, por vários motivos que aqui desconhecemos. Sua condição não faz com que cada um deles deixe de ser único com suas singularidades e com suas histórias de vida, trazendo nos seus corpos marcas e registros de suas redes socioculturais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Tecer conhecimentos em rede. In: ALVES, Nilda, GARCIA, Regina Leite (Orgs.) *O Sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- LINS, Daniel e GADELHA, Sylvio (Orgs.) *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. R.J.: Relume Dumará. Secretaria da Cultura e Desportos, 2002.
- NAJMANOVICH, Denise. *O Sujeito encarnado. Questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

sobre o(a) autor(a):

Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ.